

por que ler...

[MARIA LUCIA BUENO]

Doutora em Sociologia da Cultura e da Arte (IFCH-UNICAMP), com pós-doutorado em Sociologia da Moda (Université Paris-Est Marne-la-Vallée), é autora, entre outros, de *Artes plásticas no século XX: modernidade e globalização* (UNICAMP/Imprensa Oficial/FAPESP, 2001) e coorganizadora de *Cultura e consumo: estilos de vida na contemporaneidade* (Senac São Paulo, 2008).

E-mail: marialucia.bueno@gmail.com

1918

LES MODES

N° 175



L'OFFRANDE A VENUS

Daniel Roche?



O ingresso das mulheres no jornalismo, a presença permanente e central da moda nos periódicos e sua constante atualização em textos e imagens minaram muitos preconceitos e levantaram muitas questões num momento decisivo, quando o funcionamento da sociedade do Antigo Regime começava a mudar tanto profunda quanto superficialmente. A nova imprensa revelava, se não o novo lugar do segundo sexo na sociedade, ao menos o novo papel que via para si mesmo no mundo, isto é, as novas relações entre os sexos. A exemplo da revolução indumentária, os periódicos de moda tinham dupla função: de espelho no qual a sociedade se via e era vista; de fator precipitante, apressando uma evolução que produzia e reproduzia – se é verdade que a imagem de algo não se repete, mas o modifica e o renova.

Os meios letrados e eruditos, pelo menos como se revelam na *Enciclopédia* ou no mundo socializado das academias, observavam e debatiam maneiras de vestir; o fascínio deles pelos costumes não os impedia de serem levados tão seriamente quanto outros ramos da árvore do conhecimento (...). Também acontecia que esses homens de letras e artistas, amadores e eruditos, (...), não podiam deixar de ser influenciados na vida diária e na escolha das roupas pelo meio com o qual viviam em simbiose: a boa sociedade parisiense, os clientes dos artífices responsáveis pelas principais transformações da moda. (...)

Não se trata de saber que tipo de peruca ou crinolina era usada por tais homens ou mulheres, embora a resposta a esta questão não seja de todo desinteressante, mas de como os meios da audácia e da reforma, que questionavam o sistema social e político dominante, podiam ou não se desprender das aparências externas, as quais eram sua expressão mais eloqüente. Trata-se também de saber como seria possível a ocorrência de mudanças mais insidiosas, a longo prazo mais desafiadoras do que o tipo de abandono repentino da roupa habitual pretendido por Jean-Jacques Rousseau em sua ânsia por mais transparência. A busca de originalidade na roupa era suscetível de parecer mais uma manifestação da instabilidade artificial da moda, e os espíritos mais refinados podiam concluir que era melhor seguir as flutuações da moda ao escolherem as roupas, sem que isso influenciasse o seu modo de pensar. Desse modo, eles tornaram possível um novo meio de comunicação, que combinava a informação pelo texto e a visualização pela imagem, a atualização e a popularização de uma cultura moral e filosófica e a formação de novas práticas indumentárias, bem como intelectuais, como a leitura.¹



Foi apenas na década de 1980, com a publicação das pesquisas de Daniel Roche e de Philippe Perrot, que a moda, numa perspectiva da história social, despontou como tema de reflexão na obra dos historiadores. Nos anos 1930 e 1940 temos uma revolução na historiografia com a emergência da chamada *História Nova*, resultado do movimento intelectual associado à revista *Annales* na França², que teve entre seus principais mentores o historiador Fernand Braudel. Em contraposição à tradição vigente, de uma história narrativa dos grandes acontecimentos, centrada nas questões políticas, os intelectuais defendiam uma história-problema que contemplasse todas as atividades humanas. Eles desenvolveram uma abordagem mais multidisciplinar – dialogando com a economia, geografia, psicologia ou as ciências sociais – e aberta a outras dimensões do fenômeno histórico, como as estruturas do cotidiano e a cultura material. No interior dessa nova aproximação, a moda e a cultura da indumentária – até então objetos de estudos menores, em compilações intermináveis de caráter descritivo e muitas vezes anedótico – ganharam outra estatura.

Em *Les dessus et les dessous de la bourgeoisie: une histoire du vêtement au XIXe siècle* (Paris: Fayard, 1981), na Paris do século XIX, Perrot se debruça sobre os meandros do mundo da moda que desponta como um fato consolidado e internacional. O livro de Roche, *A cultura das aparências: uma história da indumentária (séculos XVII-XVIII)*, publicado na França em 1989, faz uma gênese da moda, considerada como um episódio essencial para compreendermos a passagem do Antigo Regime para a modernidade numa perspectiva cultural.

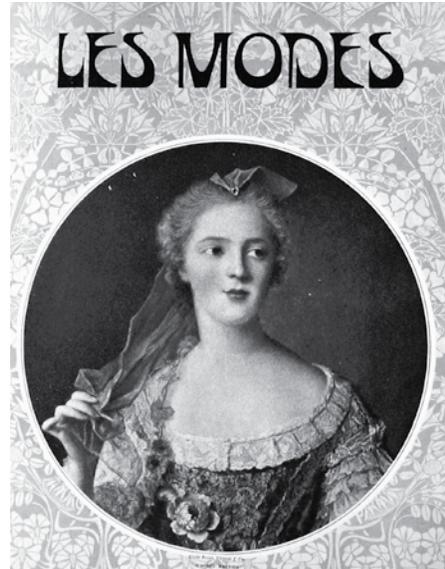
O autor

[62] Daniel Roche (1935) iniciou sua trajetória de historiador colaborando em projetos ligados ao núcleo da Nova História. Em meados da década de 1970 constituiu um grupo de trabalho próprio, em torno da França no Antigo Regime, dando início a uma extensa produção. Em 1980 publicou uma de suas primeiras obras de grande envergadura, *O povo de Paris: ensaio sobre a cultura popular no século XVIII* (São Paulo: Edusp, 2004). A partir de *A cultura das aparências* as questões ligadas ao consumo passaram a ocupar um lugar de destaque em suas reflexões. Cabe aqui mencionar particularmente *História das coisas banais: nascimento do consumo séculos XVII-XIX* (Rio de Janeiro: Rocco, 2000) em que o autor amplia o estudo da cultura material, até então restrito à indumentária, para as transformações do repertório cotidiano de um modo geral, abrangendo da iluminação ao aquecimento, da água encanada ao mobiliário, das roupas às práticas alimentares. Recentemente, publicou *Humeurs vagabondes: de la circulation des hommes et de l'utilité des voyages* (Paris: Fayard, 2003), uma pesquisa sobre a mobilidade e a circulação das pessoas na França do século XVIII.

A cultura das aparências

A disseminação das modas para diferentes círculos sociais e a intensificação de sua dinâmica estão relacionadas com a erosão do modo de vida da sociedade tradicional em face da emergência da cultura urbano-industrial e do seu estilo de vida individualista. Para desvendar essa transformação, tratada a partir da indumentária, Roche recorre a cinco grandes categorias de documentos: as roupas, os tecidos, as fontes pictóricas, as fontes da história social, familiar e comercial, e as fontes filológicas. Reconstruindo sua evolução em diferentes esferas, o historiador aponta os nexos profundos que existiam entre as revoluções política e econômica, científica e filosófica, e as transformações da cultura material e dos estilos de vida. Das utopias ao romance, dos enciclopedistas ao discurso médico, Roche revela como todos tiveram que se deparar com a nova realidade da moda.

A história da indumentária de Roche inicia com uma vasta análise da economia dos guarda-roupas, reconstruídos a partir de inventários, como veículo para identificação do sistema da indumentária e suas mudanças. Para tanto, enfoca os hábitos de consumo de vestuário em vários segmentos – os ricos e os pobres, os nobres e os plebeus, as diferentes profissões e ofícios, os militares, os homens, as mulheres e as crianças. Os inventários, remetendo a um repertório material muito mais amplo do que o das roupas, abarcando objetos variados, como mobílias, livros, imagens, entre



Capa da revista *Les Modes*, nº 8, 1901. Cortesia Bibliothèque Forney, Paris. Foto: Maria Lucia Bueno

outros, possibilitaram ao autor captar as mudanças da indumentária como parte de modificações análogas nos estilos de vida.

A seguir, ele examina detalhadamente o desenrolar da economia da indumentária, da produção ao comércio. Temos um quadro do crescimento do consumo na cidade de Paris do século XVII ao XVIII, que se multiplicava por outras vias comerciais, como o mercado de roupas usadas, mas também pelas doações e pelo roubo, que aparecia como um delito cada vez mais corrente. A ampliação da cultura das aparências estava associada à implementação de novas regras de civilidade que incluíam o aumento dos cuidados com o corpo e uma preocupação crescente com o asseio e a higiene.

O desenvolvimento da imprensa e a incorporação da cultura letrada como parte do estilo de vida urbano constituem um flanco importante da análise do historiador, que se debruça sobre a literatura utópica, a obra dos enciclopedistas e a imprensa de moda para fazer uma espécie de sociologia do discurso de moda impresso no século XVIII.

Sintonizado com o espírito da Nova História, Daniel Roche constrói o seu universo conceitual embasado nas ciências sociais. As noções de moda e de estilo de vida, forjadas por Georg Simmel, e a de civilidade, trabalhada por Norbert Elias, são alguns dos aportes teóricos que Roche utiliza na elaboração de sua análise. Ao traçar uma história da indumentária do século XVII ao XVIII, contemplando não apenas os ricos, mas todos os segmentos sociais, o historiador apontou o efeito desagregador dos excessos e das loucas mudanças da moda sobre um modo de vida. Rompendo a homologia entre ser e parecer, promovendo o embaralhamento dos códigos, a moda era a manifestação visual de transformações mais profundas que afetavam toda a sociedade francesa.

Às vésperas da Revolução, o ritmo das mudanças se acelera. Uma maior padronização do comportamento nas cidades era evidente; nas aldeias o processo estava começando, graças aos mercados e feiras e à rede de ambulantes: mestres do coquetismo e vendedores de ilusões, distribuidores de leitura barata e criadores, a crédito, de novas necessidades (...). O incremento do consumo correspondeu a mudanças de comportamento. À sociedade hierárquica, encapotada dentro de tecidos grossos e duráveis e de sedas custosas, que eram a marca da elegância cortesã e de seus imitadores urbanos, seguiu-se um mundo mais aberto, menos rígido e mais frívolo. Cores e tecidos ficaram mais leves, a percepção da representação social alterou-se profundamente. A moda afetou a todos, como revela o sucesso dos tecidos indianos.³

NOTAS

[1] ROCHE, Daniel. *A cultura das aparências: uma história da indumentária (séculos XVII-XVIII)*. São Paulo: Senac, 2007, p. 475-476.

[2] Ver BURKE, Peter. *A escola dos Annales (1929-1989): a Revolução Francesa da historiografia*. São Paulo: Unesp, 1991.

[3] ROCHE, Daniel. *A cultura das aparências: uma história da indumentária (séculos XVII-XVIII)*. São Paulo: Senac, 2007, p. 506.